

Começa hoje, no Pavilhão de Feiras, a X Feicom, que vai mostrar desde confecções até carros importados

Pág. 2

Os servidores da Shis entram em greve a partir de hoje em represália por não aceitarem o reajuste salarial oferecido

Pág. 6

# Além das curvas e formas do mestre

Carmem Cruz

O caminho parecia fácil. Ir além do que propôs Oscar Niemeyer nos primeiros momentos de criação da cidade, monumental, foi um desafio para os profissionais de arquitetura, principalmente porque eram mantidos, até bem pouco tempo, aliados do processo de criação de obras públicas na capital patrimônio da humanidade. Mesmo trabalhando em projetos para particulares ou, heroicamente, para uns poucos órgãos públicos, eles, porém, conseguiram novas linguagens, reunindo elementos que vão desde as curvas de Niemeyer à linhas da arquitetura mais clássica.

O arquiteto indicado por JK para construir Brasília não chega a exercer uma influência de mestre-discípulos sobre as novas gerações de profissionais e estudantes de arquitetura. Eles reconhecem o seu talento e a sua importância para o nome da arquitetura brasileira dentro do modernismo mundial, mas alguns até acham que o seu trabalho está superado. Outros, apesar de buscarem caminhos distintos do proposto por ele recebem como um elogio os comentários a respeito da semelhança entre seus projetos e os do criador de Brasília. É o caso do arquiteto Paulo Henrique Paranhos, 32 anos, que recentemente ficou em segundo lugar no concurso do IAB para o pavilhão do Brasil em Sevilha, na Espanha.

"Quando dizem que a minha obra tem tudo a ver com Brasília eu fico contente, é como um elogio", justifica Paulo Henrique, para quem ser arquiteto em Brasília é como ser arquiteto em qualquer outra cidade. "O trabalho de Niemeyer não atrapalha, contemplar a obra dele até ajuda. Passo todos os dias pela Praça dos Três Poderes e percebo a harmonia que há", acentua. A proximidade do projeto do pavilhão feito por Paulo Paranhos com a obra de Niemeyer, segundo ele, é fruto da vivência que se tem da cidade, "em que a gente acaba, inegavelmente, influenciado no trabalho".

Para o professor de Arquitetura da Universidade de Brasília, José Carlos Coutinho, uma cidade não se faz só com obras-primas, mas muitos profissionais, como Elvino Dubugras e João Filgueiras

Lima (Lelé) têm conseguido inovar. "A Comercial da 107 Norte (Dubugras) com pracinha e galeria, está mais para um estilo pós-moderno, e o próprio Lelé tem feito coisas que não se pode dizer que é de Niemeyer", disse ele. Coutinho afirmou que Oscar Niemeyer, é, hoje, uma personalidade nacional a caminho de se tornar histórica, como Portinari, Drummond e outros, acima do bem e do mal.

O arquiteto Sérgio Roberto Parada, 40 anos, também classificado no concurso para o pavilhão do Brasil em Sevilha, ressalta que, tirando a arquitetura oficial e monumental de Brasília, a arquitetura de fundo deixa muito a desejar. "Os próprios prédios residenciais das superquadras perdem muito em qualidade para outras cidades", justifica. Algumas propostas, entretanto, surgem em destaque, como os prédios comerciais Morro Vermelho e Camargo Correa (projetados por Lelé). "São propostas inovadoras para as funções a que se destinam, com ambiência, um microclima dentro do prédio e circulação do ar cruzada". Outro exemplo de avanço, segundo ele, é o prédio do Hospital Sarah Kubitschek.

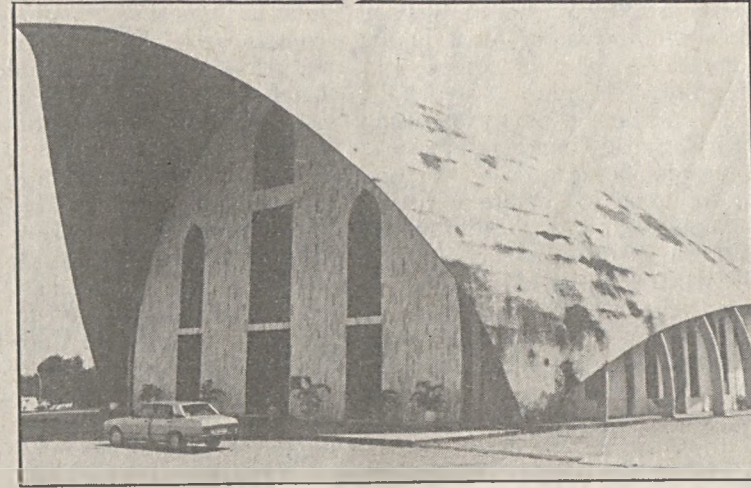
Também vencedor do concurso para o pavilhão do Brasil em Sevilha em janeiro passado, o arquiteto Raimundo Nonato Veloso, 40 anos, aponta o prédio da Casa Thomas Jefferson, no Lago Sul, de José Galbinsky, como expressão clara de uma linguagem pós-modernista. O prédio é todo de tijolo aparente. Por não ter trabalhado, ainda, com obras públicas, Raimundo Nonato Veloso lembra que o arquiteto de casas particulares estará sempre reproduzindo o que o cliente viu ou quer, se não insistir em novos programas. "Mas há, ainda, um espaço para a surpresa, e trabalhar esta surpresa é investir na forma, na plástica", acentua.

O presidente do IAB-DF, José Roberto Bassul, 34 anos, acredita que nas décadas de 50, 60 e 70 as gerações de arquitetos foram intensamente influenciadas pela obra de Niemeyer, pelo menos os formados em Brasília. "Nesta última década, entretanto, a obra dele passou a ser apenas uma referência. O modernista tem sido renegado. Niemeyer ficou no tempo", justifica.

FOTOS: UNIOR BARONI



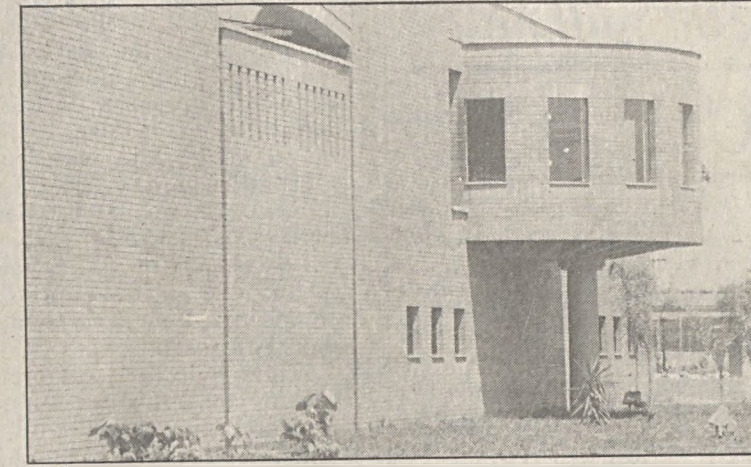
Gerações de arquitetos sofreram influência de Niemeyer



A pracinha e a galeria unem-se ao prédio, com modernidade



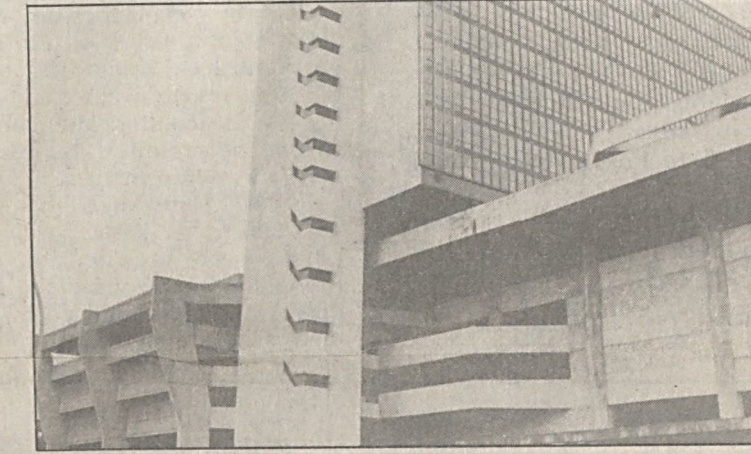
As linhas harmônicas do pátio da Casa Thomas Jefferson



A expressão pós-modernista reside na Thomas Jefferson



A originalidade nem sempre torna a criação bem sucedida



A escala inadequada resulta em aberrações, como no Baracat

## Concurso abre novos espaços

A arquitetura de edifício público tem que ter concurso público. Com esse lema, o Sindicato dos Arquitetos de Brasília e o IAB-DF conseguiram, em 1988, consolidar uma campanha para a realização de licitações na contratação de projetos arquitetônicos da cidade. Até então, os quase dois mil profissionais com formação em Brasília — sem falar nos arquitetos de outros estados — estavam impossibilitados de mostrar o seu potencial criativo em obras públicas da cidade-monumento.

Para inaugurar uma nova era, o GDF anunciou, em meados do ano passado, o primeiro destes concursos: o da Câmara Legislativa. Participaram 40 arquitetos de todo o País, entre os quais cerca de oito de Brasília. O resultado apontou como vencedor o paulista Luís Mauro Freire, 23 anos, que apresentou uma proposta simples e expressiva. O prédio da Câmara terá cinco pavimentos (o prédio principal), enquanto os dois outros serão menores, para os plenários e auditórios.

Segundo o presidente do IAB-DF, José Roberto Bassul, o que sempre se discutiu em torno do legado de Niemeyer foi a prática que o beneficiou, e não a sua obra em si. "O talento dele prosperou à sombra de um mecenas, e com recursos públicos. Talvez outros respondessem da mesma forma", pondera o arquiteto, que reconhece o talento e a contribuição de Niemeyer, mas acha que a contratação direta de seus serviços impediu a diversidade de idéias e de propostas.

Para José Roberto Bassul, o autor da cidade deve ser o cidadão. "A partir do momento em que a cidade se consolida e tem sua expressão social, não podemos mais ver nessa cidade obras que tenham donos ou autores. É inaceitável continuar consultando pessoas que, embora mereçam respeito, não podem mais ficar manietando o crescimento da cidade", declarou.

O arquiteto brasileiro trabalha, hoje, em alguns órgãos públicos locais e federais, e na área privada de forma incipiente. No Governo do Distrito Federal, segundo Bassul, os arquitetos que integram as equipes de arquitetura e urbanismo pouco têm colaborado dentro da política de assentamentos e da criação de novos núcleos urbanos. "Os assentamentos são mais uma decisão política e, na maioria das vezes, atropelam o arquiteto", garante. Grande parte dos profissionais filiados ao IAB-DF — mil e duzentos — está no subemprego ou desempregada.

## O pavilhão ficou só na maquete

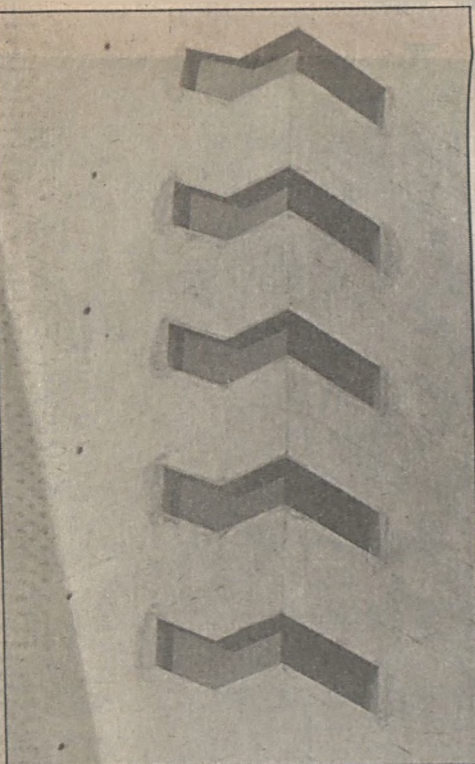
O Brasil chegou tarde para a Feira Universal de Sevilha, que acontece no próximo ano, durante seis meses, na Espanha. Mesmo assim, o IAB conseguiu garantir a coordenação do evento a realização de um concurso para a escolha de um projeto para o pavilhão do Brasil a ser construído em poucos meses. Realizou o concurso, mas quando os vencedores eram identificados o presidente Fernando Collor anunciava a decisão de não mais construir o pavilhão.

A malograda experiência mereceu vários fóruns de discussão. Em Brasília, os alunos envolvidos com a Semana de Arquitetura da UnB debateram a questão no seminário sobre os rumos da arquitetura no Brasil, quando foram expostas quase dez maquetes de projetos de participantes. Entre os debatedores, estavam o professor da UnB Gladson da Rocha Pimentel, Denise Portella Rosa, Newton Silveira de Godoy, Aleixo Anderson e Souza Furtado, Elvino Dubugras, Paulo Henrique Paranhos, Sérgio Roberto Parada, Raimundo Nonato Veloso Filho, Cristina Jucá, Gilson José

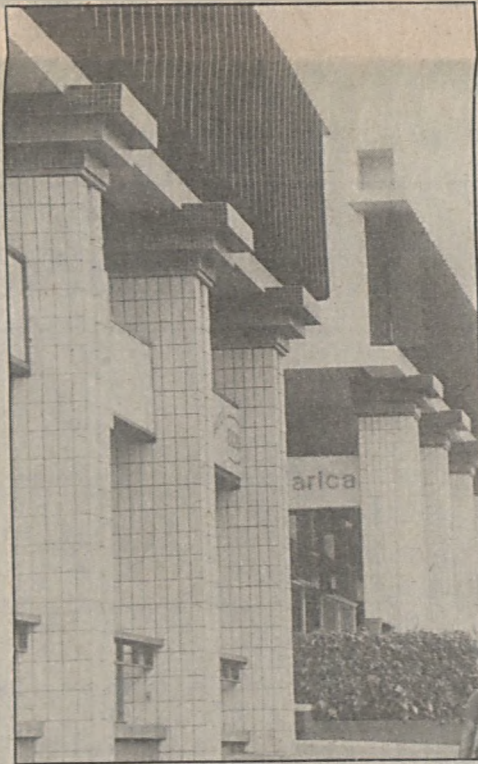
Paranhos, Joaquim Vieira da Silva Filho e outros.

A discussão passou primeiro pela maneira com que cada um dos arquitetos conduziu o seu trabalho, indo questionar os critérios de avaliação dos jurados do concurso para, ao final, polemizar sobre o trabalho de Oscar Niemeyer. O seu pavilhão da América Latina, no Rio, foi apontado por uns como fruto de um avanço de Niemeyer, e, por outros, como algo superado. Além de questionarem o resultado do concurso, alguns dos debatedores abominaram a decisão do governo de cancelar a obra, que custaria cerca de dez milhões de dólares. Para alugar um stand num pavilhão coletivo o Brasil vai gastar 7,5 milhões de dólares.

O primeiro lugar do concurso ficou para o paulista Angelo Bucci. Os outros classificados em segundo lugar, dois deles de Brasília: Sérgio Roberto Parada e Paulo Henrique Paranhos de Paulo e Silva. Dois outros profissionais de Brasília receberam menção honrosa: Raimundo Nonato Veloso Filho e Mateus Gorovitz, professor da UnB.



Um detalhe do Baracat, na W-3 Sul



Na 309-N, visão da nova linguagem

## Os absurdos estão bem próximos

Ao lado de obras de personalidade tão forte como a de Niemeyer e de outras, cuja ligação de seus criadores com a cultura brasileira é indiscutível, nascem alguns monstros com o que há de mais grotesco na ordenação de espaços a serem habitados. Exemplos maiores desta "originalidade mal sucedida" — como ressalta o professor José Carlos Coutinho — podem ser observados ao longo da Avenida W-5 Sul, com igrejas que mais parecem o intestino grosso (Nossa Senhora de Fátima) e cascos de tartaruga invertidos (910/911 Sul), ou na W-3 Norte onde a irresponsabilidade dos construtores produziu prédios comerciais que violam o meio ambiente.

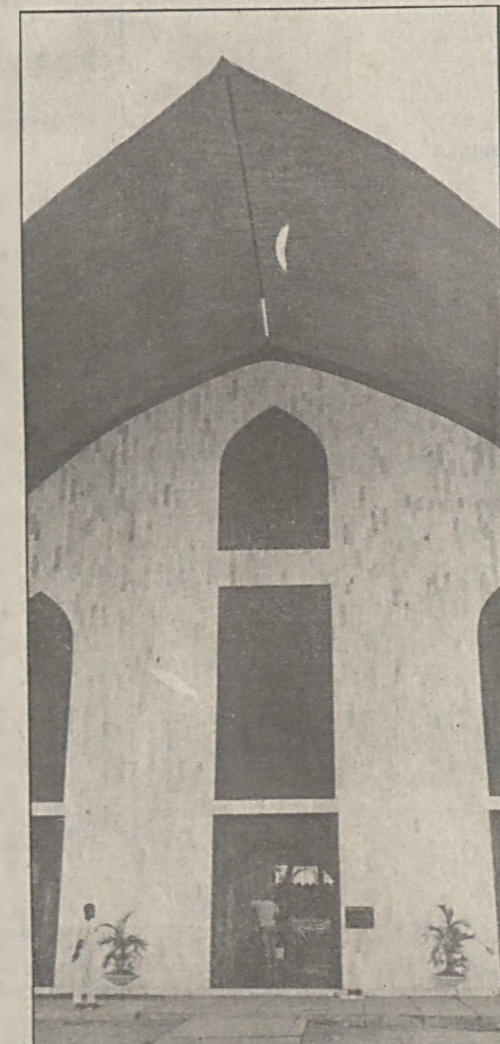
Estas contradições são perfeitamente compreensíveis numa sociedade tão contraditória quanto a nossa, ressalta Coutinho, lembrando que muitas casas à entrada da Península dos Ministros têm como resultado de gostos individuais atrasados. "São ignorantes que usam parafernália, sem falar na nostalgia do colonial, com cópias deturpadas, formas corrompidas, resultado do entendimento do que ele significa" conclui. Para o arquiteto Sergio Parada, a construção de verdadeiros monstros foi um erro de escala e de linguagem, "um abuso do formalismo, sem noção de filosofia estética".

**Aberrações** — Segundo Sergio, a "salada" que marca o comércio das 700 Norte é uma aberrações total. Os prédios, que no térreo servem quase sempre

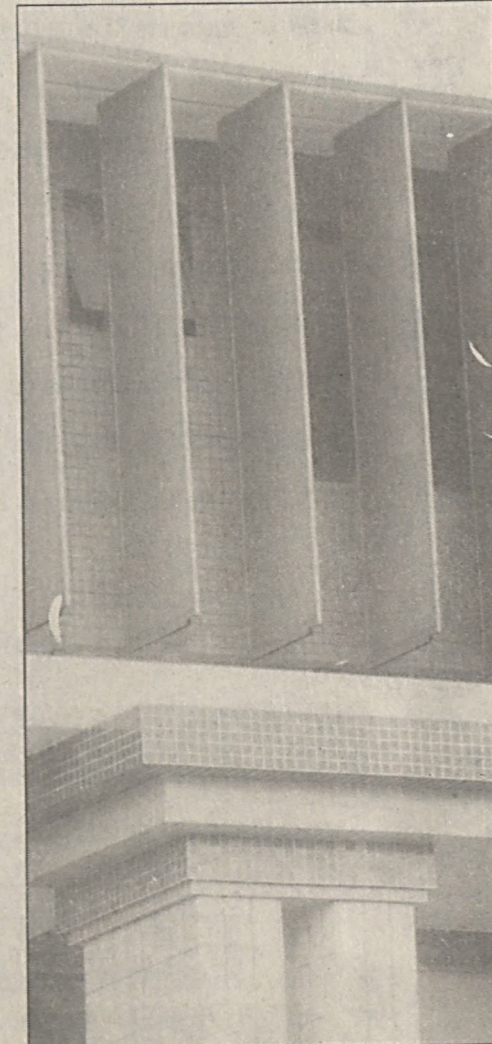
a oficinas mecânicas, não possuem qualidade de construção ou qualidade arquitetônica, onde o que impera é a pura especulação. "Todo o conjunto urbano ali ficou horrível, e só acredito numa reversão desse quadro quando a cidade apresentar uma maturidade cultural. A arquitetura é um produto cultural" salienta.

A utilização de escalas inadequadas no momento de criar produziu ainda, em Brasília, outra aberração. Para o arquiteto Paulo Paranhos, que trabalhou no escritório pós-modernista de Elvino Dubugras e com João Filgueiras, o Lelé, o prédio do Shopping Baracat, no início da W-3 Sul, agride completamente o contexto em que está inserido. O prédio, com obras paralisadas, parece um gigante à frente de pequenas janelas de edifícios com fachadas em vidro temperado, entre outros. "A arquitetura tem por obrigação atender princípios básicos, como as questões técnicas, mas nunca deixar de ser um elemento de expressão cultural" acentua Paranhos.

A arquitetura "coloniosa" que tem surgido tanto em casas de áreas nobres quanto em prédios residenciais, como os do Guarã I, é para o arquiteto Sergio Parada outra falta de interpretação de uma linguagem internacional pós-modernista. "Tem sido feita só como efeito de fachada, sem observar o aspecto íntimo da obra que por sua vez está baseado numa filosofia cultural de um povo" explica.



O templo de Santa Cruz, na W-3 Sul



O clássico e o moderno juntos